



N.º 117 — LISBOA, 9 DE ABRIL

3  
ANO  
1902

TABACARIA MODERNA  
DE  
JOSÉ PUÇA  
B. Fernandes da Fonseca, 41  
LISBOA

# A PARÓDIA

<p><b>PREÇO DA ASSIGNATURA</b> (PAGAMENTO ADIANTADO) Lisboa, provincias e Africa serie de 26 numeros... 500 réis Cobrança pelo correio custa... 32 * 1000 * Estrangeiro, accresce o porte do correio. 100 * <b>Preço avulso 20 réis</b> Um mez depois de publicado 40 réis</p>	<p>Publica-se ás quartas-feiras PROPRIETARIOS: <b>RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO</b> E <b>M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO</b> Redacção — RUA DO GREMIO LUZITANO, 65. 1.º</p>	<p>ADMINISTRADOR — GONZAGA GOMES Administração — R. DO GREMIO LUZITANO, 65, 1.º Composição: Minerva Peninsular, 111, Rua do Norte, 113 Impressão: Lythographia Artistica, Rua do Almada, 32 e 34 EDITOR — CANDIDO CHAVES</p>
--	--	--



**Crédor** — Mas eu não vejo cá nada de valor, a não ser a receita das Alfandegas...  
**Ministro** — Ah! Lá isso, meu Caro é impossível... Dá muita *chiada*...  
**Crédor** — Bem n'esse caso, fallaremos mais tarde...



## LOCOMOÇÃO MINISTERIAL

Tem-se discutido muito, estes últimos dias, no parlamento e no jornal, a proposta d'um deputado da maioria para que os varios ministerios paguem, galantemente, a carruagem dos seus ministros.

Depois de larga discussão, chegou-se á conclusão pratica de que um ministro e secretario de Estado, n'este tempo que já vae tão longe da casa de briche economica do Borges Carneiro, gasta em trem e em despesas de representação, constitucionalissimamente, a maior parte dos seus vencimentos. Restam-lhe, quando muito, para despesas de casa, para a mulher, para os filhos, uns quarenta ou cincoenta mil réis. D'aqui, o comprehender-se, sem grande esforço, que uma pasta de ministro é o caminho mais curto para o Asylo de Mendicidade.

Os tempos infantis do Constitucionalismo, em que *monseur le Roi Passos*, — como D. Fernando chamava a Passos Manoel — se contentava, humildemente, com a sobrecaçaca de saragoça dozena e os punhos voltados de bretanha, já são para hoje d'um anachronismo sorna e burguez, incompativel com a grandeza hieratica dos grandes cargos governativos.

Hoje, que o dinheiro está infinitamente barato, os duzentos mil réis mensaes, irradiantes em 1830, excellentes em 1848, fazem d'um ministro qualquer coisa de tão soberbamente miseravel como um Geral de Franciscanos.

Poder-se-hia obviar ao inconveniente feudal da exhibição e da magestade, simplificando a vida representativa e reduzindo verbas inuteis.

Mas esses procéssos, todos praticos, não são positivamente para a raça latina, — cheia de côr, de manias de ostentação e de delirios de grandezas.

Não pagar o trem a um ministro pobre, equivale a tirar-l'h'o. Ora o trem tornou-se hoje a expressão civi-



lisada das grandes superioridades intellectuaes.

Era talvez possivel recorrer a outro meio mais facil de locomoção, — á bicycleta, ao automovel. Mas, como os senhores podem calcular, um presidente do Conselho em bicycleta não será positivamente constitucional, porque é profundamente grotesco.



O automovel e a *petrolette* representam um progresso de archi-civilização, — e não podem tambem com vantagem ser usados por um ministro, que é, em regra, uma creatura de espirito atrazado.

Resta por conseguinte a carruagem, com todo o prestigio das suas molas e das suas almofadas, serena e fidalga n'uma linha degenerada de berlinda antiga, como sendo o meio de locomoção ministerial mais adequado e mais nobre.

Na idade-media era o cavallo que fazia a nobresa: agora, o que faz a nobresa é o trem.

O estribo d'uma carruagem é o symbolo das grandes ascenções sociaes.

O trem aristocratiza. O trem é necessario. A sciencia de subir não dispensa o *coupe*, com as suas lindas ilhargas envernizadas e as suas cortinhas de tafetá verde.

O trem pode mesmo considerar-se metade do ministro.

Por isso o senhor Fuschini, secretario de Estado philistino, foi sempre um meio-ministro: porque sempre andou a pé.

Se essa estranha creatura de idéas vermelhas e principios decadentes de democracia voltasse de novo aos Conselhos da corôa para endireitar as finanças avariadas, o Estado, não podendo pagar-lhe o trem, porque elle o não usa, systematicamente, tomaria uma resolução burgueza mas na verdade evangélica:

Pagar-lhe-hia as botas.

THYRSO.



## Vivinha a saltar!

Parlamento nosso de cada dia.

Depois das scenas athleticas, as scenas patheticas. Presentimentos de morte proxima actos de isempção de fazerem chorar pedras, o diabo a quatro.

Na sessão dos deputados de quarta-feira passada, o nobre presidente do conselho, a proposito da estreia do sr. Lacerda das ilhas, declarou desmanchando as tranças que tambem era das ilhas e que nem depois de morte estaria quieto. Mais disse, a proposito de morte, que as vidas estavam curtas, que se sentia fatigado e que breve, sem duvida, o veriam affastar-se das lidias politicas. Estava resolvido a só vir uma vez por anno ao parlamento, no dia do seu beneficio.



Atiraram-lhe charutos e chapéus, gritaram-lhe não apoiado, e pediram-lhe que entrasse a matar... o tempo com outra, porque aquella não pegava.

Largaram-lhe o boi das carruagens de ministros que foi esperado á gaiola pelo sr. Almeida Serra, que vem a ser parente do Simões Serra, primoroso dos ferros á tira. O animal começou a dar boa lide, porque era generoso. (Uns 8 contos e 400 milheiros por anno, a conto e 200 por ministro.)

Hintze, muito cingido ás taboas, negava-se á intervenção de capotes. Houve um momento em que o bicho estava a primor. E logo o sr. Cayolla gritou:



—Agoral Agora!

O cavalleiro ministerial accitou a farpa e avançou. O bicho, que ia feito, voltou-se.

O sr. capitão Machado, gritou então do sol:

—Capas! Capas! que fazem esses monos ahí?!

N'isto o boi corre sobre o cavalleiro. Houve um momento de maior anciedade. O cavallo presidencial safou-se á marrada do Carruagem n'uma elegante curveta.

— Capas! Capas!

O sr. Hintze pallido de commoção :  
 — Eu já disse que não quero capas !  
 E baixinho, disse com o seu cavallo, por-  
 que nem atinava com os botões :  
 — Com essa de carruagem vem vocês p'ra  
 cá de carjinho!  
 E virando-se para o sr. Teixeira de Sou-  
 sa :



— Oh ! *Fressura*, não te deixes ir no em-  
 brulho. Olha que o bicho está ainda muito  
 esperto e tem a pancada alta.

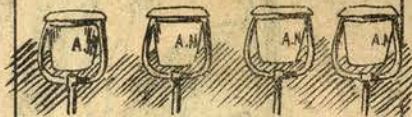
O intelligente manda recolher o bicho.

O sr. capitão Machado (que pretende ser  
 ministro e pretendia carruagem de borla) :

— Que pena ! Um animal tão nobre ! !

O sr. Cayolla (que ha-de ser ministro e  
 que não está para andar no electrico) :

— E agora fica ressaibado e não torna a  
 dar lide. Este boi é o que se chama uma le-  
 bre corrida !



Entendeu o sr. Alberto Pimentel, commis-  
 sário regio da realza dynastica junto da rea-  
 leza artistica do sr. Ferreira da Silva, que  
 era inconveniente escupir em casa de Gil  
 Vicente, que segundo o sr. Theophilo Bra-  
 ga se assoava aos dedos. E logo o sr. Pimen-  
 tel enviou um regio papyrus ao patriarcha  
 das bellas-artes, requisitando onze escarra-  
 dores (aquelle diabo tambem ainda não de-  
 cidiu se é escarrador que se deve dizer cu  
 escarradeira) para a gente se desgostar para  
 o lado quando entrar em scena alguma actris  
 feia.

Mas o patriarcha Abel, que anda com a  
 mania dos safanões pegada e não pensa n'ou-  
 tra coisa, mandou o officio com outro — ora,  
 outro officio, meu amigo ! — a um makaven-  
 ko do ministerio das obras publicas, que é  
 damnado para pigarras.

Este gritou que não tratava da loiça e que  
 não estava alli para chuchadeiras, salva a  
 chuchadeira de 1.793.842 reis annuaes, que  
 não é coisa de cuspir, a não ser para o sr,  
 para cabir em cima de quem fizer tal desa-  
 cato ao edital.

O amigo Pimentel, que estava hontem no  
 theatro para pôr esta coisa da arte drama-  
 tica a direito, quiz cuspir mas não teve aon-  
 de. Com os labios comprimidos desceu a es-  
 cada e veju á rua, mas ahí encontrou um  
 policia que lhe observou :

— Você cospe, mas... pode-se arrenpen-  
 der.

Na mesma situação seguiu para o minis-  
 terio do reino e ahí entrou no gabinete do  
 sr. Abel, boquinha fechada, comprimen-  
 tando por acenos.

— Que tem você, homem ? E' dos dentes ?

— Hum...

— Traçou a lingua !

— Hum... Hum...

E apontava a bocca.

— Afogou-se ?

Pimentel já batia o pé :

— Hum ! Hum ! Hum !

O sr. Abel perplexo :

— Esta agora ! Homem, escreva ahí o que  
 quer.

O sr. Pimentel escreveu : *Quero cuspir !*

O sr. Abel leu em voz alta, exactamente  
 no momento em que entrava pelo gabinete  
 dentro o sr. Ricardo Jorge, que logo se poz  
 a barafustar :

— Não pode sêr ! Não pode cuspir ! Li-  
 vre-se de cuspir !

O sr. Pimentel fez uma grande careta e de  
 repente exclamou :

— Finalmente !

— Finalmente, o quê ? Para onde cuspiu  
 o sr. ?

— Cuspi... para dentro.

O sr. Ricardo Jorge pensou com momen-  
 to, apoz o qual disse :

— Não é má ideia, não sr. Vou adoptal-a,  
 Enquanto não houver escarridores que che-  
 guem para as necessidades urgicas da capi-  
 tal, o publico que cuspa para dentro.

Em D. Maria a coisa já está em vigor. Pa-  
 ta o effeito, cada espectador paga mais meio  
 tostão de sêllo.



N'um commovente brinde feito pelo sr.  
 visconde de S. Boaventura ao sr. visconde  
 de S. Luiz de Braga, recentemente, disse s.  
 ex.ª, fazendo suas as palavras da Duse ao  
 nosso amigo Braga :

— « Vous êtes irrésistible ! »

O sr. visconde de S. Luiz de Braga, moita,  
 carrasco ! Não tugu nem mugiu.



Pois é de estranhar. Porque ha dois vis-  
 condes irresistiveis. E se um é, evidente-  
 mente, o nosso querido Braga, o outro, di-  
 rá o nosso querido Braga quem é.



As vezes a gente chega a duvidar da axis-  
 tencia de Deus. Palavra !

Estavamos nós arreliadissimos por nos ter  
 sahido branco, quer dizer, sem premio, ver-  
 dadeiramente branco Rodrigues, um vigesi-  
 mo que nos custára 1.7040 para a loteria dos  
 40 contos, quando lêmos nas *Novidades* que  
 a casa do Silva vendera a sorte grande, em  
 bilhete inteiro, a um magico que já no anno  
 passado, e tambem em bilhete inteiro, apa-  
 nhara outros 40 contos muito parecidos com  
 os d'este anno.

Não sabemos, nem queremos saber, quem  
 é este homem, para não termos a tentação  
 de lhe pregar um tiro. Mas este diabo, que  
 ha um anno apanhou 40 contos e que este  
 anno agarrou outros 40 e é capaz de não ser  
 40 vezes maior contribuinte, vale para nós,  
 não duas vezes 40 contos, mas o Ali-Baba e  
 os seus 40 ladrões.



Que tal está o méco, hein ? Ora veja lá se  
 não quer mais nada !

O HOMEN DOS MIUDOS

Bilhetes Postaes

D'A PARODIA

1.ª serie de 10

200 réis

20 réis cada um

Em Lisboa acham-se á venda nas lojas on-  
 de se vende a *Parodia* e na administ'ao,  
 d'este jornal, rua do Gremio Luzitano, 56-  
 1.ª, para onde podem ser dirigidos quaes  
 quer pedidos, acompanhados das respectivas  
 importancias.

# A FUGA DOS CARDEAES

Ou o estado de porcaria em que Lisboa se acha

A RODA

A RODA



Os tres cardeaes da ceia, impeccaveis de aceio, fugindo para o Porto.



## O HOMEM ESVERDEADO !

### O homem esverdeado !

ou a Porta Misteriosa do segredo dos Tesouros dos subterrâneos do Castello Maldito

#### Grande romance historico

que não foi escripto pelo Snr. Faustino da Fonseca, nem pelo Snr. Rocha Martins. Nem tampouco pelo Snr. Antonio de Campos Junior!

— Ah, bom ! Se não foste escripto pelo Faustino, nem pelo Rocha Martins, nem pelo Campos Junior... talvez te leia... — dirá o leitor amigo.

Pois ainda bem ! Deve ler. É um romance extraordinario, de palpitante interesse, cheio da mais viva emoção. É um romance para ser lido com 38 graus de febre, á sombra. Não se imagina ! Não se pôde formar uma idéa — que é o mesmo que acontece ao nosso amigo Petra Viana. Leiam, meus senhores e minhas senhoras

Incomparavel, unico romance no seu genero que pôde ser lido pelo methodo de João de Deus, para ambos os sexos ! Para todos os sexos dos sexos, amen !

Não foi sem grande difficuldade que conseguimos obter os direitos da traducção d'esta estupenda obra — e só Deus sabe que lucha foi preciso sustentar para que a traducção não fosse feita nem pelo Snr. Freitas Branco, nem pelo Snr. Eduardo Noronha, nem pelo Snr. Lemos de Napoles — que se julgam no direito de trazer tudo quanto ha para portuguez, incluindo as obras do Snr. Soisa Monteiro. Mas sempre o conseguimos, e assim podémos confiar essa traducção ao mesmo cavalheiro que traduziu a *Blanchette*, ou o *Christiano de Sousa no seu melhor papel*, em 3 actos e um Chaby.

Portanto, e por tão pouco (avulso 20 réis) vão os leitores da *Parodia* saborear, a começar n'esta numero, o romance de maior phantasia e de mais complicado entrecho historico que se conhece depois da attitude do Partido Progressista na questão do Convenio.

A's pessoas que não souberem ler, a *Parodia* manda um professor a casa.

### PRIMEIRA PARTE

## PAMELA, A PERFIDA

OU

«Não, não, o vicio nem sempre é castigado»



vida para perder o meu bom senhor, ser agora a amante do Rei ! Oh ! Não ! Mil diabolos (600 diabos, pouco mais ou menos).

E então com a ajuda d'esse cortezaõ do diabo, alma damnada d'il signor Mazzarino...

Pois bem ! Sobre a minha excellente adaga de Toledo cujo punho ricamente damasquinado pelos primeiros ourives do mundo (Leitão & Irmão, Almier, R. Aurea, Reis & Filhos, Porto) eu juro bem solemnemente que farei alguma coisa ! ! !

Assim fallou e soltando uma horrivel e satanica gargalhada enterrou-se na mais negra obscuridade.

### CAPITULO PRIMEIRO

## GRITO DA NOITE

Onze horas e vinte minutos soavam no relógio da torre de Nesles.

Um homem, aparentemente adormecido, estava encostado ao parapeito da ponte dos Innocentes de Santa Catharina (hoje Ponte Alexandre III) e via, com um olhar mortico, perpassar debaixo d'elle, o rio engrossado com todas as lamas e com todas as signominias da Cidade Monstro (vulgo Paris.)

Melchior, — porque não era outro, senão elle, — era de estatba mediana e o seu rosto aproximava-se ligeiramente d'uma oval.

Apesar de n'essa epoca, século XVII, pouco mais ou menos, haver no uso da farpella uma liberdade que não existe hoje, certamente os transeuntes se espantariam da extranha toilette do nosso heroe, se por acaso houvesse transeuntes n'aquellè bairro affastado e áquella hora da noite; sob um amplo

manto veneziano cuja cor variava entre o castanho e a cor de muro, o nosso homem vestia o colorido uniforme do clan escossez dos Mac-O'Donnell.

As suas pernas enterravam-se e perdiam-se, ou disendo melhor, pareciam enterrar-se e perder-se (porque effectivamente ellas tinham pé) n'umas altas botas de coiro escuro do Atlas.

Como dissemos no principio da historia, Melchior — porque não era outro senão elle — parecia estar mergulhado na mais profunda meditação.

Uma surda angustia se traduzia nos seus menores gestos e nas breves palavras que fugiam dos seus labios hermeticamente fechados :

— «Pois que ? dizia elle, ella ? Sim, ella propria, essa maldicta ingleza Pamela ! que o ceu confunda ! Ella que trabalhou toda a



**CAPITULO II**

**A BORDA D'AGUA**



Só passados alguns minutos, longos como seculos, elle viu entre abrir se um pequeno postigo gradeado, onde se emquadrou a cabeça esquisita d'um homem.

—Olá, bello rapaz, exclamou o velho—porque era elle,—creto que te conheço, quem quer que és. Todavia, permitteme que, por prudencia te faça as perguntas do costume.

- Pois sim, bom velho, mas faça-as depressa. Então entabolou-se o seguinte dialogo :
- Sangue e inferno.
- Ossos de tibia e coronhas de pistola.
- D'onde vem o vento esta noite ?
- Dos subterraneos do Castello Maldito.
- Quem deve ser o salvador ? A agua ou o porco ?
- A agua.
- E, tu, meu rapaz, quem és tu ? E's o irmão vingador do Cavalleiro de Malta ?

— Sim, sou, sim, só. N'este momento cahiram as correntes, a chave guinchou na fechadura e a porta gyrou, gemendo sobre os gonzos enferrujados.

—Segue-me, disse o velho.

**CAPITULO III**

**A CONSPIRAÇÃO**

O velho, ou antes Booz—porque era elle—era judeu, contava cento e nove annos e meio (não parecendo ter mais que cento e sete) e de pequena estatura.

Comtudo era bastante feio. Os seus olhos estavam encobertos com um par de lunetas, cujos vidros eram: um, convexo e fumado, o outro concavo e tricolor, demonstrando assim uma vista nade vulgar.

Todavia a sua pelle acobreada e granulosa denunciava bem claramente, instinctos seculares de porcaria.

... Depois de ter seguido por alguns instantes, n'um silencio mortal, um corredor muito estreito, Melchior, precedido do seu guia encontrou-se á entrada d'uma sala baixa, humida e sombria, mas em compensação, terrivelmente enfumçada.

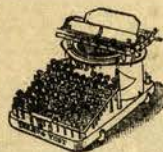
(Continúa no proximo numero)



**Centro de Publicações**

DE  
**Arnaldo Soares**  
**PORTO**

Distribuição e venda permanente de todos os jornaes de Lisboa. Das 10 horas da manhã ás 10 da noite na casa do largo d. Carmo, 60. Das 10 da noite ás 10 da manhã na casa da rua do A. mada, 34.



**YOST YOST**  
Machina  
de escrever  
**L. M. LILLY**  
R. RETROZEIROS, 35 1.º B

**MENÉRES & C.ª**  
**Porto**

Fornecedores da Casa Real Portuguesa, da Casa do Presidente da Republica do Brasil, da Directoria da Sanidade Publica do Pará, da Cooperativa Militar Portuguesa, da Santa Casa de Misericordia de Santos.

As melhores marcas de vinhos do Porto  
AGENCIAS EM TODO O MUNDO



De que consta o que faz e vende a casa Freire-Gravador. E' a unica no paiz habilitada e completa em todos os ramos de gravura, fabrica de carimbos e -ua- machinas, aneis, typographia e lytographia, encadernador, papelaria, ferra, gen. finas, binoculos, colleiras, retratos a crayon e molduras—armazem das leiras esmaltadas, figuras, centros de mesa, manteigueiras etc de luxo, preças de copiar, etiquetas de metal, sortimento monstro de artigos para barbeiros, «Agua Bonchard» para pintar o cabelo primeira marca do mundo, chapas para portas etc etc. — Vizitem esta casa porque não existe igual para o que o seu proprietario tem feito vi-gem d'estado em toda a Eur.-pa.  
Telephone 943, RUA DO OURO, 158 a 164.

**Ourivesaria e Relojoaria**

com officina anexa  
de fabrico e  
concertos  
**FLORINDO**  
Jóias  
com brilhantes  
Preços limitadissimos  
**99, RUA AUREA, 99**



**Callista**  
**pedicuro**

**JERONIMO FERNANDES**  
R. SERPA PINTO, 48, 1.º  
(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e desencrôamento de unhas pelos mais moderno-procesos até hoj- conhecidos.  
Pede-se ao publico que ve-lie e te consultorio para se certificar dos verdadeiros milogres que ali se operam.

CONSOLAÇÃO



**A mulher**—Ai menino! Esperar ainda 15 dias...

(Profundo suspiro).

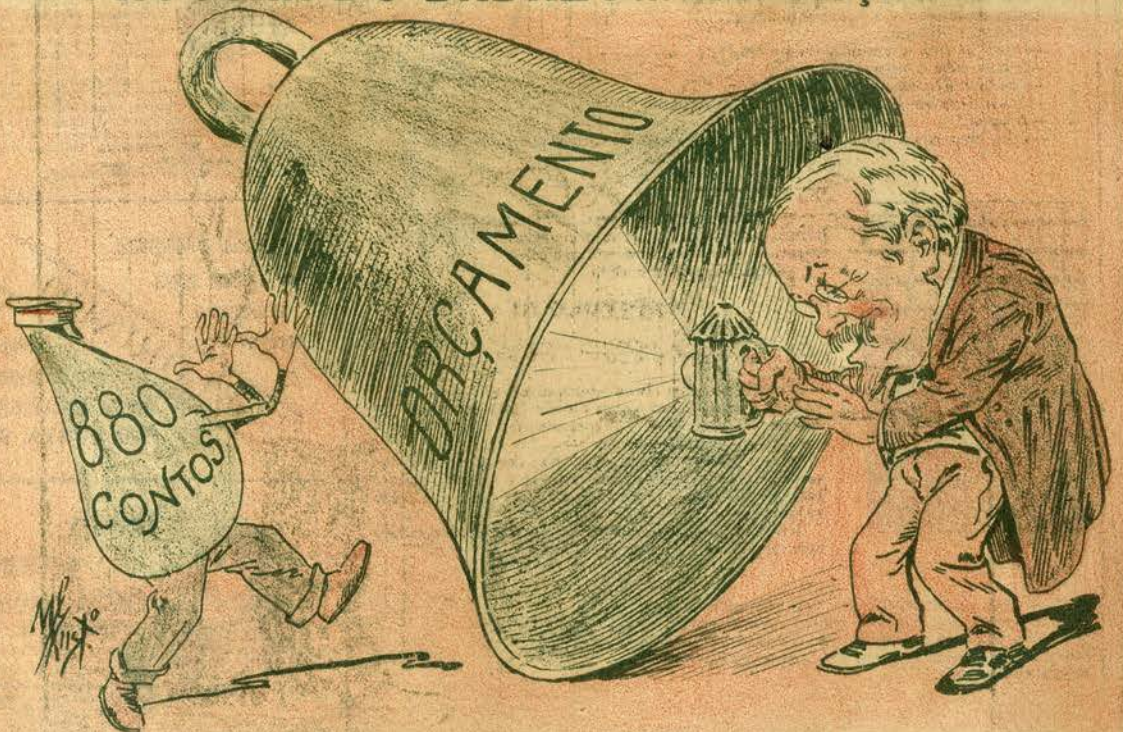
**O marido**—Que dirias tu então no meu lugar? Ha 15 annos que estou assim e sem esperança de delivrance.

INNOCENCIA



— E tu, oh! ama, tambem foi no Grandella, que te deram esses baldes?...

**A' PROCURA DO BADALO... NO ORÇAMENTO**



**O João das Machinas** (vulgo Mendonça Cortez)—Onde diabo estarão os 880 contos?...